

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 56

O Porto visto da FLUP: pistas para um conhecimento das imagens, representações, semânticas e memórias dos estudantes

Diogo Guedes Vidal

Porto, junho de 2017

O Porto visto da FLUP: pistas para um conhecimento das imagens, representações, semânticas e memórias dos estudantes¹

Diogo Guedes Vidal

FP-ENAS | Universidade Fernando Pessoa

E-mail: diogovidal@ufp.edu.pt

Submetido para avaliação: abril de 2017/Aprovado para publicação: junho de 2017

Resumo

A investigação aqui proposta insere-se numa lógica de interpretação sensível da cidade, no sentido simmeliano do termo. Nessa medida, inevitavelmente a sua dimensão simbólica é uma constante. Numa sociedade marcada pela volatilidade e pela transfiguração rápida das paisagens físicas e dos espaços urbanos, a representação dos mesmos tende a sofrer (re)configurações. O Porto é a cidade que será objeto de estudo, sendo que a escolha deste espaço urbano reveste-se de enorme pertinência visto terem sido vários os autores, desde o foro académico, passando pelo artístico e pelo literário, que se debruçaram sobre a cidade numa lente sensorial e interpretativa da mesma. Alicerçados nos contributos de Lefebvre e Soja, e inspirados por Kevin Lynch, nomeadamente nos seus mapas mentais, iremos perceber o modo como a cidade é (re)mapeada e como a mesma é elaborada aos olhos dos indivíduos que nela se movimentam. Considerando a relativa heterogeneidade geográfica e mesmo social da FLUP, elegemos os estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto como população alvo na medida em que a mesma se assume como palco de coexistência de atores provenientes de diferentes espaços do país e do mundo que, por conseguinte, resultam em diferentes formas de (re)apropriações da cidade.

Palavras-chave: cidade, representações, imagens, mapas mentais, espaço, *thirdspace*.

Abstract

The investigation here proposed is inserted in logic of sensitive interpretation of the

¹ Este artigo apresenta uma pequena parte dos resultados obtidos durante uma investigação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto sob orientação da Professora Doutora Helena Vilaça (Cf. Vidal, 2016) intitulada de “Um Porto em Cada Nós: Imagens, representações, semânticas e memórias da cidade”.

city, in Simmel's sense of the term. In this measure, inevitably his symbolic dimension is a constant. In a society marked by the volatility and by the quick transfiguration of the physical landscapes and urban space, the representation of same has a tendency to suffer (re)configurations. Oporto is the city that will be the object of study and the choice of this urban space is covered of enormous relevance seen they had been different the authors, from the academic forum, through the artistic and literary one, who pored over the city in a sensory and interpretative lens. Grounded by the contributions of Lefebvre and Soja, and also inspired by Kevin Lynch, particularly by his mental maps, we will see how the city is (re)mapped and how it is developed in the eyes of the individuals. Considering the relative geographical and even social heterogeneity of the FLUP, we elect the students of the 1 faculty of Arts of the University of Oporto as target population to the extent that it is assumed as a space where coexistence actors form different country areas and from the world, therefore result in different forms of city (re)appropriations

Key-words: city, representations, images, mental maps, space, *thirdspace*.

Introdução

O Porto tem vindo, ao longo dos últimos anos, a ser alvo de inúmeros estudos e investigações que se debruçam nos diferentes quadrantes da esfera da cidade. As transformações de que a cidade tem vindo a ser alvo, no que se refere a revitalizações e requalificações urbanas, projetos interventivos a nível cultural e social e fenómenos turísticos, levam a que as paisagens da mesma sofram alterações. A par destas alterações a UP acolhe cada vez mais estudantes de fora da cidade que extravasam os limites da AMP e do próprio âmbito nacional, sendo por isso uma instituição de renome no panorama internacional. Nesta lógica, a FLUP, enquanto instituição da UP, agrega um número significativo de estudantes provindos de vários cantos do país e do mundo sendo, por isso, um espaço onde existem diferentes formas de apropriação da cidade resultantes deste fenómeno. Este fenómeno conduz a uma alteração do código identitário da mesma que, por conseguinte, altera a forma como os indivíduos a leem, sentem e a apropriam. O seu universo simbólico é, desta forma, sujeito a alterações que importa ter em linha de conta. O presente trabalho procura perceber de forma a cidade é (re)mapeada aos olhos dos estudantes que nela habitam e/ou deambulam.

1. Eixos teóricos para uma sociologia sensível à cidade

O interacionismo é uma corrente que atribui às relações humanas e à interação social – entre indivíduos ou entre indivíduos e sociedade – uma importância acrescida no surgimento e desenvolvimento de significados. Neste sentido devemos perceber de que forma a corrente interacionista desempenha um papel primordial nesta investigação. Sugerimos, assim, a obra “Symbolic Interactionism: Perspective and Method” da autoria de Herbert Blumer (1969) onde se encontram patentes as três premissas que norteiam esta corrente e que, de certa forma, permitem perceber como as imagens e representações das cidades são criadas pelos próprios indivíduos. O simbolismo que as coisas representam para os indivíduos emergem do contato que os mesmos preconizam no seu dia-a-dia com elas e com outros indivíduos. No entanto, e como Blumer (1969) refere, esses significados são igualmente flutuantes e suscetíveis de serem alterados, nunca acabados, estando em constante mudança. Podemos interpretar as imagens da cidade como uma forma de significado que a mesmas representam para os indivíduos. Também elas são construídas e reconstruídas, sujeitas a reelaborações constantes e resultam de processos de interação entre o indivíduo e o espaço citadino.

Referente ao indivíduo e à cidade, Georg Simmel possui um texto fantástico, “Metrópole e a vida do Espírito”(2001[1903]), onde aborda as novas questões que

medeiam esta relação. O advento da industrialização e a consequente divisão social do trabalho fez despoletar no individuo uma intensificação da vida nervosa (Simmel, 2001[1903]). Certamente conseguimos perceber que os estímulos que provêm da cidade são, em larga medida, muito diferentes dos que provêm de lugares mais calmos e serenos, como é o caso do campo. Ora, esta mudança é vivenciada cada vez que saímos à rua, na velocidade e nas dimensões da vida económica profissional e social (Simmel, 2001[1903]) o que leva a que o individuo da cidade adote uma postura mais anímica e racional da mesma, desprovida de sentimento. A cidade é o local por excelência do desenraizamento e da racionalidade, acrescida pelo fato de ser o lugar da troca monetária, do dinheiro, advento da racionalização. Talvez seja mesmo o Entendimento, como Simmel refere, que leva a que o individuo adote essa postura indiferente e racional. A esta racionalidade junta-se a questão da cronometragem do tempo. O relógio marca os diferentes pontos do dia. Organiza a vida social da cidade e determina os nossos passos, um por um. É visível nas horas de ponta o aumento do tráfego mecânico e pedestre. É visível ao cair da noite a diminuição do fluxo citadino. Mas como é que o indivíduo se adapta a esta condição? Simmel acredita que o indivíduo ao entrar em contato com esta multiplicidade de estímulos leva a que se perca, que se desorienta. Para tal é acionada a atitude blasé (indiferença face às indiferenças) permitindo ao indivíduo adaptar-se e a integrar o circuito citadino. Também nos diz Simmel que para além da indiferença da qual a cidade se pauta, a desconfiança é igualmente visível. Diz-nos o autor que por via da crescente racionalização das trocas monetárias e a sua posterior abrangência das demais relações sociais, somos levados a criar sentimentos de desconfiança que resultam em retração no fomento das relações sociais com vizinhos por exemplo. A verdade é que a cidade permite algo ao individuo que o mesmo não tinha nas cidades antigas e mais pequenas: liberdade de movimentos. Na cidade é permitido ao individuo a liberdade de escolher percursos e trajetos sem que os mesmos sejam supervisionados ou objeto de sanção e/ou olhares atentos dos demais habitantes. Aliás, tal não seria possível dado a dimensão da vida social que se encerra na cidade. Quanto maior for o espaço da cidade e dos seus movimentos, mais impercetíveis se tornam os percursos e escolhas individuais dos indivíduos.

No sentido das transformações da urbanidade é capital entender que, tal como Baudelaire nos fala nos escritos de Walter Benjamim (2001), que o século XIX impunha na cidade um novo horizonte. Este novo horizonte era fruto das transformações físicas e sociais do século que, devido às mesmas, provocou o surgimento de uma novo paradigma de cidade e de homem. Nascia assim um novo olhar sobre a cidade e as suas dinâmicas, próprio da modernidade. Benjamim (2001) refere que já Baudelaire dava conta da afirmação de uma nova figura entre a multidão: o *flâneur*. Moderno, aventureiro e observador, destaca-se na cidade pelo facto de a perspetivar retirando-

lhe os véus que até então a tornavam encoberta. Sérgio Paulo Rouanet, no seu artigo “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?” afirma que a cidade representa “seu templo, seu local de culto (...) o verdadeiro lugar sagrado da flânerie” (Rouanet, 1992: 50), ou seja, quase como que um processo artístico de percorrer a cidade e senti-la. É, o flâneur, o novo “...alegorista da cidade, detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado...”. (Rouanet, 1992:50). Neste sentido, e retomando Baudelaire como um mestre sensorial da cidade, parece capital entender que o mesmo acredita que o flâneur era um verdadeiro poeta da cidade. Na verdade, o *flâneur*, é o coprotagonista de uma paixão correspondida entre ele e as cidades e multidões. Baudelaire compara-o a um “...espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. É um eu insaciável do não-eu, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugida.” (Baudelaire, 1997: 21). No artigo de Rouanet (1992) o mesmo cita Benjamim quando este expõe de forma magistral a sensibilidade do *flâneur*. Esta figura cidadina é dotada por uma capacidade inequívoca de deambular pela cidade que se apropria, para além do que é visível, do invisível.

Ao discutirmos os contributos de Baudelaire e Walter Benjamim, nomeadamente sobre a sensibilidade que nos surge ao deambularmos pela cidade, é possível estabelecer um paralelismo com o artigo de João Teixeira Lopes “Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público” (2007) onde o autor refere que o tempo das cidades, ou seja, a forma como se organizam temporalmente os meandros do quotidiano e das práticas sociais, é cada vez mais lido através de uma “...vertiginosa velocidade de fluxos de pessoas, mercadorias e bens imateriais...”, sendo que o autor vai mais longe acrescentando que a metrópole “...elimina as fronteiras oficiais e administrativas” (Lopes, 2007: 72). Estamos assim perante um novo tempo da cidade, urbano e denso, segundo o autor (2007), alicerçado numa experiência urbana plural e multivocal. Sensorialmente e vocalmente o Porto, enquanto cidade, se demarca. O percorrer a cidade é comparável a um ritual de evocação de aromas, sons e sentidos díspares que, ora reunidos, resultam numa poderosa experiência sensorial. Odores que se misturam no dobrar de cada esquina, sons que se compõem e resultam numa partitura diversa. Como já referido num artigo “Os diferentes lugares do Porto são eles próprios palcos de práticas regulares, rotineiras e fugazes. Ao percorrermos a cidade somos levados pelos fluxos citadinos, pelos movimentos pendulares que alteram a paisagem da cidade.” (Vidal, 2016: 8). Esta sensibilidade por parte dos sentidos à cidade permite-nos resvalar para os contributos que Carlos Fortuna nos presenteia. A este nível em que a sensibilidade à cidade se apresenta como primordial, para assim conseguirmos interpretar as suas imagens e representações, o seu artigo “Imagens da cidade:

sonoridades e ambientes sociais urbanos” (1998) esboça de forma peculiar e envolvente as plurisonoridades a que somos sensíveis em ambientes urbanos. Fortuna (1998) não se coíbe de referir que apesar dos seus valiosos contributos relativos à sociologia sensorial, o mesmo despreza de forma demasiadamente relegadora o sentido auditivo. Quer com isto dizer que o facto de Simmel entender o sentido auditivo como “... passivo, despojado que está de autonomia própria...” (Fortuna, 1998: 23), enaltecendo a supremacia da visão face ao mesmo, leva a uma incapacidade de ouvir os sons da cidade e de conseguir organizá-los segunda uma partitura. Segundo o autor, da cidade e da sua identidade fazem hoje também parte os seus sons. Retomando o objeto da nossa investigação, será certamente enriquecedor perceber que sons são atribuídos ao Porto e de que forma os mesmos estão na base das representações e imagens do mesmo, ora não o fosse palco por excelência de plurisonoridades urbanas. Ainda utilizando o nosso objeto, o Porto, como exemplificador empírico do que teoriza Fortuna, será interessante verificar de que forma se comprova um sentimento de coletividade face à construção de um ambiente sonoro partilhado (Fortuna, 1998), não obstante o facto dos sons, a partir do momento em que são emitidos, serem rececionados e apropriados de forma díspares. Como havíamos referido no capítulo I desta investigação, optamos por uma abordagem transdisciplinar porque consideramos que em matéria de leitura de representações e imagens de uma cidade, diferentes abordagens significam riqueza teórica.

Carlos Fortuna não é diferente e socorre-se igualmente da Geografia, nomeadamente de Paul Rodaway (1994) para perceber de que forma o som identitário da cidade se compõe no espaço da mesma. Assim, e apropriando-se de dois conceitos fundamentais desenvolvidos por Rodaway (1994), apresenta a noção de campo sonoro e paisagem sonora como elementos que apesar de coexistirem, as suas significações são distintas. Fortuna refere que ao introduzir a noção de campo sonoro estamos a referir-nos a um determinado espaço acústico que provem de um emissor e que transmite a sua sonoridade a um território delimitado previamente. No entanto, e recorrendo a um artigo de autoria própria, a verdade é que em “...ambiente citadino damos conta de plurisonoridades, aparentemente contraditórias mas que mapeiam atualmente as paisagens sonoras.

Esta pluralidade de sons é visível em ambientes multiculturais...onde culturas diferentes, ou melhor dizendo, sonoridades culturalmente diferentes, se misturam e compõem uma partitura diversa.” (Vidal, 2015). Esta noção permite-nos perceber que estamos assim diante de uma reelaboração dos sons da cidade na medida em que as “...máquinas, as buzinas e as sirenes dominam a paisagem sonora, acabando por transformá-la, emergindo um novo e plural “património sonoro” próprio da cidade contemporânea.” (Vidal, 2015). Esta última afirmação foi inspirada na ideia que

Fortuna transmite no seu artigo quando afirma que o som dominante da cidade é hoje puramente mecânico e ritmado. A noção acima desenvolvida leva-nos ao conceito de paisagem sonora, também desenvolvido por Rodaway (1994) e mencionado no artigo de Fortuna (1998), dizendo respeito a um "...acto da sua apropriação/recepção..." (Fortuna, 1998: 27).

Acredita-se, doravante, que a decifração da paisagem sonora da cidade, ou pelo menos a sua tentativa, resulta num processo de atribuição de um sentido que, no fim, culmina na percepção de uma identidade da cidade. Na verdade, os sons da cidade são eles mesmos elementos exemplificadores de uma evolução societal. A industrialização, o desenvolvimento da tecnologia, dos automóveis, do crescente aumento da máquina e do aumento populacional e do fluxo (acrescido pelo desenvolvimento das redes de transporte), formam uma puzzle de novos símbolos e marcas de uma identidade cidadina que contribui para olhares e leituras diferentes sobre a cidade. Mas a racionalidade e a individualidade são igualmente mencionadas, por Fortuna (tal como Simmel), no caso das sonoridades. A privatização do circuito sonoro referido pelo autor (1998) permite perceber que os microcosmos sonoros estão agora balizados pois dois *phones*, aos quais os demais cidadãos não conseguem aceder. Permite igualmente perceber a extensão do domínio privado para a rua sem o deixar de ser.

A forma da cidade, ou como Kevin Lynch refere, o design da cidade (Lynch, 1960), deve ser entendido como uma arte temporal. E como arte temporal que é, é trabalhada em ocasiões diferentes, por pessoas diferentes que, em último caso, invertem as sequências. Também Lynch, urbanista, se apaixonou por redescobrir a cidade, para além dos sentidos, momentos e situações distintas captadas a cada instante (Lynch, 1960). Enquanto urbanista, ligado à forma em que a cidade se encaixa, é de ressaltar a sua sensibilidade à mesma. Na verdade conseguimos facilmente encontrar características de um verdadeiro *flâneur*, na medida em que ele analisa a cidade mas também admite ser tentado a perder-se nela. E se somos produtos e produtores da construção social da cidade então, a imagem que possuímos dela, esta impregnada de memória e significações (Lynch, 1960).

Estamos perante o que o autor denomina de processo bilateral, ou seja, de uma relação intensa entre o observador e o meio para a produção do resultado final, a imagem propriamente dita. O meio (a cidade) faz emergir distinções e relações, cabendo ao observador (cidadão) atribuir sentidos e significados. Lynch toca num ponto-chave a dado momento na sua obra. O autor refere que cada indivíduo cria e sustenta a sua própria imagem, sendo um ato individual e processado com base nas suas preferências e percepções. No entanto o autor refere que ocorrem cruzamentos de imagens similares quando estamos perante efeito-grupo. Quer com isto dizer que indivíduos

pertencentes ao mesmo grupo etário, género, etnia e classe possuem, em tendência, imagens similares sobre a cidade. Será que as imagens e representações do Porto são partilhadas dentro de determinados grupos? Estamos perante um efeito contagiante de posicionamento social na cidade que origina uma percepção similar da cidade? Percebemos até ao momento que as imagens são realmente um elemento fulcral de interpretação da relação existente entre o indivíduo e a sociedade. Mas o que devem possuir elas? Lynch acredita que estas devem conter na sua base uma componente de individualidade/particularidade, ou seja, deverão primar pela marca distintiva face às demais cidades; devem possuir uma relação com o observador; e, por fim, essa relação deve ser de carácter emocional, ou seja, deve ser permeada por memórias e experiências pessoais. Mas é neste último ponto que a imagem deve realmente assentar. Quanto mais viva, clara e física a imagem da cidade for, maior será a probabilidade de criarmos um elo para memórias coletivas. Este processo criativo de memórias possui em si mesmo uma particularidade interessante. É fonte de segurança emocional a um espaço físico. Na verdade, a imagem "...deveria, de preferência, possibilitar um fim em aberto, adaptável à mudança, permitindo ao indivíduo continuar a investigar e a organizar a realidade." (Lynch, 1960:19). Cabe ao indivíduo ser o protagonista desse fim em aberto, de escrever as imagens e fazer delas um espólio de uma memória coletiva, ora não fosse esse o verdadeiro sentido da cidade.

2. Técnica adoptada: o inquérito por questionário

Desde logo sentimos que para o objetivo principal a que a nossa pesquisa obedeceu seria fulcral o questionário pelo facto de nos conseguir abarcar em extensividade um grande número de estudantes. Após algumas discussões acreditamos que o inquérito *online*, com todos os riscos de não resposta que comporta, poder-nos-ia fornecer uma visão diversificada sobre as representações, imagens, memórias e semânticas dos estudantes, tendo sido por isso a nossa escolha. No que se refere ao inquérito, dele fazem parte perguntas abertas e fechadas, tendo sido por isso difícil o seu tratamento no que se refere ao primeiro tipo de perguntas. Apesar de ter sido criado um inquérito em português e um inglês, o segundo não teve qualquer resposta pelo que não é tido em consideração. Mas se queríamos perceber o imaginário simbólico dos estudantes acreditamos que lhes devíamos permitir liberdade nas suas respostas dado que restringir o campo simbólico de um indivíduo seria, certamente, enviesar as respostas do mesmo.

Também no que se refere à amostra decidimos que não deveríamos restringi-la a cotas, na medida em que optamos pela amostra aleatória, abrindo portas a todos os casos sem limitações. Foram respondidos 108 inquéritos (eram inicialmente 150 mas

42 tiveram de ser anulados dado a não resposta em variáveis explicativas como o curso e residência) o que apesar de acreditarmos que teria sido interessante abranger mais respostas, o número a que chegamos revelou-se satisfatório para prosseguirmos a análise dada a qualidade de informação. Esta técnica tem como finalidade abarcar um conjunto significativo de inquiridos de modo a "... quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação" (Quivy e Campenhoudt, 1992: 191) permitindo conhecer as suas opiniões face a determinado fenómeno. Para o tratamento dos dados provenientes dos inquiridos foi utilizado o SPSS como ferramenta de análise estatística.

3. O simbólico da cidade: elementos para uma reflexão

Inspirados por alguns inquiridos policopiados em situação de trabalhos académicos, fomos levados a questionar quais as memórias que os indivíduos associam à cidade, nomeadamente a monumentos, ruas, espaços e zonas em concretos. Estes nichos da cidade foram referidos quando lhes foi pedido a zona favorita da cidade e as memórias que advêm dessas mesmas escolhas. É interessante de verificar que o Porto é notoriamente uma cidade perfeitamente definida em termos de sentidos e relações com o espaço. Não é por acaso que no caso das Ruas as memórias são associadas ao foro emocional/afetivo. Pelo sentido que a Rua ocupa no quotidiano dos seus habitantes e transeuntes, pelos usos que lhes atribuímos e pela relação íntima que as mesmas partilham connosco. Mas também lugares pertos do mar e do rio despertam memórias emocionais e afetivas, como é o caso da Foz, Miragaia e Ponte D. Luiz. Lugares permeados por diferentes apropriações, por verdadeiros apaixonados, pela capacidade de contemplar e refletir, pela imensidão que nos consome e nos permite perceber que o Porto é rio, mar, praia, sol, chuva, vento, água e terra. Atentemos à Estação de S. Bento, pela sua componente emocional e afetiva igualmente. Lugar de chegadas e partidas, onde o coração aperta e se solta em diferentes momentos (Cfr. Guerra, 2017).

QUADRO 1
Memórias Associadas à cidade pelos Inquiridos²

Monumentos/Edifícios	Ruas/Espaços	Zonas
Torre dos Clérigos Lazer	Galerias de Paris Lazer	Sé Lazer
Palácio de Cristal Lazer	Jardim das Oliveiras Lazer	Antas Infância
Piolho Lazer	Miradouro da Vitória Lazer	Boavista Infância
Ponte D. Luíz Emocional/Afetiva	Rua das Flores Emocional/Afetiva	Campo Alegre Lazer
Estação S. Bento Emocional/Afetiva	Rua do Almada Emocional/Afetiva	Vitória Emocional/Afetiva
Serralves Lazer	Rua de Santa Catarina Emocional/Afetiva	Cedofeita Emocional/Afetiva
	Quarteirão das Carmelitas Emocional/Afetiva	Miragaia Emocional/Afetiva
	Baixa Emocional/Afetiva	Cordoaria Emocional/Afetiva
	Ribeira/Centro História Lazer	Foz Emocional/Afetiva Infância

Fonte: Vidal, 2016: 54.

As zonas de lazer são dominadas por lugares marcantes da cidade, como é o caso de espaços culturais e/ou propícios a tempos livres, nomeadamente a Torre dos Clérigos, Palácio de Cristal, Piolho e Serralves. O Campo Alegre surge igualmente como lugar de lazer efetivamente pela sua forte componente académica e, por inerência em parte, pela componente praxística. Por sua vez, as zonas ou espaços em que são associadas memórias relacionadas com a infância são, nomeadamente, Antas e Boavista.

² Os presentes resultados devem ser encarados numa lógica de aproximação não podendo, por isso, serem representativos estatisticamente da realidade em análise.

Provavelmente por serem zonas residenciais, onde os estudantes cresceram e passaram grande parte da sua infância. Contudo, podemos perceber até agora que o Porto é uma cidade que no universo simbólico dos indivíduos se configura como um espaço de lazer mas, por outro lado, marcadamente palco de memórias emocionais e afetivas. Se recuperamos os escritos de Júlio Dinis, Vasco Graça Moura e Eugénio de Andrade verificamos uma analogia com os resultados obtidos no que toca ao romantismo do qual a cidade é palco e do sentimentalismo contagiante e propagador.

Mas debruçemo-nos sobre os resultados obtidos referentes, respetivamente, à zona favorita, às palavras associadas e às personalidades mais importantes da cidade do Porto. Dado que estávamos perante um universo de 108 inquiridos em que nas três primeiras questões foram pedidas cinco referências – zona, palavras e personalidades – optou-se por apresentar os resultados em nuvens de palavras. Esta forma permite uma apresentação não exaustiva dos dados, maior dinamismo e movimento. Devemos, contudo, ter em consideração que o universo representativo corresponde a uma leitura das imagens, representações, memórias e semânticas dos estudantes da FLUP pelo que, como iremos ver, influencia o resultado e permite perceber que a frequência dos cursos tem peso na forma como vemos a cidade. Sabemos *apriori* por estudos sociológicos que a formação académica é uma das variáveis que molda a forma como vemos a realidade social, bem como a interpretamos. Antes de procedermos a análise mais detalhada gostaríamos de explicar que a leitura da nuvem de palavras se procede da seguinte forma: as palavras mais referidas são aquelas que se destacam pelo tamanho que apresentam, sendo assim sucessivamente.

A **Figura 1** dá conta das zonas favoritas mais referidas pelos inquiridos. É perceptível que existem entre 4 a 5 zonas dominantes no imaginário simbólico da cidade do Porto, sendo por isso identificáveis como elementos importantes para os inquiridos. Destacámos, desde logo, a supremacia da Baixa face aos demais. É interessante de verificar que a baixa não perdeu protagonismo como alguns textos nos dizem mas tenhamos em atenção que o mesmo conceito aglomera diferentes perceções pelo que o território do mesmo é de difícil delimitação. Como seria de esperar a Ribeira surge-nos igualmente como elemento dominante da paisagem simbólica da cidade. É, sem margem de dúvida, um elemento marcante da cidade, desde o fator tradição até ao fenómeno de turistificação. É mundialmente reconhecida como património e isso acarreta em si mesmo a explicação da escolha. Mas atentemos que também a Foz se destaca nesta nuvem de palavras. Lugar onde o rio e o mar se encontram, propício para memórias emocionais e afetivas como a anterior **Quadro 1** nos referia. Podemos afirmar que o centro histórico que compreende os Aliados, o rio, a ribeira e todo o percurso fluvial até ao mar (foz) se encontra bem presente no universo simbólico dos inquiridos e é, sem dúvida, um lugar de eleição para os mesmos.

desta dissertação, a mão da história é fulcral para o entendimento da cidade e da sua leitura simbólica. Ainda que obviamente característica dos estudantes da FLUP, a cidade é marcadamente histórica, encabeçada pelo seu rio e eternamente invicta. Afirmam a sua posição, a sua demarcação face às demais. Existe essa necessidade. Por conseguinte, o rio liga-nos ao Douro, passado, presente e futuro vinícola, as trocas comerciais, e a eterna ligação com o mundo rural que Rio Fernandes tão majestosamente nos refere no seu artigo (2016) quando nos diz que o Porto se demarca das demais cidades pela capacidade que tem em lutar em duas frentes: as pontes para o futuro, com internacionalização; e a solidificação de uma história e passado glorioso com o mundo rural. Mas se também é rural, também é internacional. Verifiquemos a importância do turismo, uma cidade considerada como melhor destino europeu em 2014, lugar de referência a nível europeu. E a eterna Francesinha. Amada por muitos, pecado da gula, tipicamente portuense. Apela-nos ao olfato e ao paladar. Ainda que não o mais referido nesta questão, o FCP – Futebol Clube do Porto – ganha relevo no panorama simbólico da cidade. Acreditamos que faz parte da história da cidade, quase como que um acompanhamento da sua evolução ao longo dos anos. É interessante de verificar que algumas das respostas dadas neste inquérito vão de encontro às que Fortuna e Peixoto (2000) concluíram no seu estudo.

FIGURA 3
Personalidades associadas à cidade pelos inquiridos



Fonte: Vidal, 2016: 59.

Devemos assumir os questionamentos e comentários que fomos fazendo ao longo da nossa investigação e, dado a etapa em que nos encontrávamos (análise e tratamento dos dados), foi com grande admiração que visualizamos pela primeira vez esta nuvem de palavras (Figura 3). Esta nuvem corresponde às personalidades mais associadas à cidade do Porto, ou seja, o grau de importância que as mesmas possuem para os inquiridos. Atentemos que estamos perante uma população com uma moda de 22 anos o que, por sinal, deveriam corresponder a respostas que se englobem no seu universo.

Ao verificarmos a nuvem damos conta de personalidades marcantes em vários quadrantes da sociedade, destacando-se quatro grandes figuras: Pinto da Costa – desporto -, Rui Moreira – político -, Almeida Garrett – literatura - e Siza Vieira - arquitetura. É curioso quando damos conta que estamos perante respostas numa lógica mais intelectual. Verifiquemos até os nomes menos referidos como Guilhermina Suggia, Adolfo Casais Monteiro, Nasoni, Camilo Castelo- Branco. Não é por acaso que nos encontramos numa faculdade de letras onde a literatura, a arte, a filosofia e a história são marcantes e, como tal, dominam igualmente o campo simbólico, imaginário e semântico dos indivíduos. Pinto da Costa surge em primeiro lugar, quase numa lógica de seguimento da nuvem de palavras correspondente à **Figura 2** onde o FCP ganha igualmente relevo. Logo de seguida Rui Moreira e a importância que o mesmo possui para os jovens. Inovador, criativo, ativo e publicamente assíduo, cultiva a sua imagem e esse vetor tem, naturalmente, peso no universo simbólico dos mais jovens. Mas Almeida Garrett é sem dúvida interessante pois expõe literalmente o sentido desta investigação na medida em que nos apercebemos que estamos perante uma amostra própria de uma Faculdade de Letras. E Siza Vieira, pelas obras que o mesmo criou e concebeu, levando o nome do Porto e de Portugal além-fronteiras.

Desfecho

Centrando-nos nas conclusões nos resultados obtidos, os mesmos revelam que o facto de estarmos perante estudantes de uma Faculdade de Letras leva-nos a perceber que a formação académica e o ambiente estudantil têm peso na forma como os estudantes constroem o universo simbólico da cidade. Os resultados mostraram-nos uma cidade com um pendor histórico e literário relevante, um pouco distanciado da visão turística e mais próxima de uma cidade romântica de autores como Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco, Eugénio de Andrade e Vasco Graça Moura comprovando a veracidade da primeira hipótese formulada que evidenciava o peso do curso e da formação. Contudo é também um Porto internacionalizado, mundial, atração turística, palco de prémios e de reconhecimentos, cosmopolita e orgulhoso do seu ADN. É uma cidade que convida a passear nas suas ruas, a conviver em espaços de fruição, espaços culturais e de lazer. Comprova-se que a cidade líquida de Paulo Cunha e Silva se fez e faz cumprir atraindo os estudantes a usufruir dos seus espaços. Mas também é uma cidade de figuras políticas, históricas e literárias como Rui Moreira, Almeida Garrett e Pinto da Costa. Às ruas e lugares junto do rio/mar são atribuídas memórias emocionais e afetivas e a lugares marcantes e memoráveis da cidade os estudantes atribuem memórias de lazer. Os estudantes perdem-se na cidade, experienciam sentimentos diversos entre o prazer e o pânico. Nos movimentos na cidade e para fora da cidade o Andante é o cartão que representa mobilidade e o carro o seu concorrente, permitindo que as imagens e

representações associadas se insiram nos percursos realizados permitindo ir de encontro a uma outra hipótese relativa à importância que a forma como os estudantes se deslocam detêm na leitura que os mesmos fazem sobre a cidade.

Percebemos que o Porto é partilhado, na sua generalidade, como uma cidade voltada para a história e para a cultura, uma cidade que é vivida e apropriada pelos estudantes. É, por si só, um Porto que se multiplica em vários *Portos*. E se assim é, deve-se ao facto de a cidade se construir simbolicamente por elementos referenciais aos indivíduos criando um Porto em cada Nós. Temos de ter em linha de conta que muito ficou por fazer ou dizer, abrindo pistas para um estudo mais alargado e possivelmente comparativo, se seguirmos na linha das representações da comunidade académica, com outras faculdades/universidades da cidade. O que esta investigação evidenciou é que os estudantes são um poderoso meio para a conhecer pois a sua heterogeneidade revela-se em diferentes formas de apropriação da mesma.

Bibliografia

- Baudelaire, C. (1997) - *Sobre modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Benjamim, W. (2001). Paris, capital do século XIX. In Fortuna, C. (org) - *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora.
- Blumer, H. (1969). *Symbolic interactionism: Perspective and method*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- Campenhoudt, L. V.; Quivy, R. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Fortuna, Carlos (1998). Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, N.º 51, pp.21-41.
- Fortuna, C. (org.) (2001). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia* (2.^a ed.). Oeiras: Celta Editores.
- Guerra, P. (2017). "I come from Porto and bring a Porto in me": essays on a cartography of affections in/of the city. In Costa, P.; Guerra, P.; Neves, P. S. (eds.) - *Urban intervention, street art and public space*. Lisboa: UrbanCreativity.
- Lopes, J. T. (2007/2008). Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XVII/XVIII, Série 1, pp. 69-80.
- Lynch, Kevin (1960) – *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Rouanet, S. P. (1992) - "É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?". *Revista USP. Dossiê Walter Benjamin*. V.1, n.º 15, pp. 49 -75.
- Simmel, G. (2001[1903]) – A metrópole e a vida do espírito. In Fortuna, C. (org.) - *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora.
- Vidal, D. G. (2015) – Sons da cidade – uma revisão das paisagens sonoras de Carlos Fortuna. *Plataforma Barómetro Social*. Disponível em: <http://barometro.com.pt/archives/1409>.
- Vidal, D. G. (2016) – Deambulando pelo Porto: notas introdutórias para uma Sociologia do Quotidiano. *Revista Café com Sociologia*, v.5, número 1, pp. 7-10.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto
Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the
Institute of Sociology of the University of Porto
R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx
ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 56

Título/Title

“O Porto visto da FLUP: pistas para um conhecimento das imagens, representações, semânticas e memórias dos estudantes”

Autor/Author

Diogo Guedes Vidal

O autor, titular dos direitos desta obra, publica-a nos termos da licença Creative Commons “Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal (cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).